

## IMAGENS DE VIDA E MORTE

Josimey Costa da Silva

*Mater dolorosa.* Esta imagem, que percorre o mundo desde muito tempo, é atualizada na figura de uma jovem mãe russa, encolhida junto ao corpo da filha morta pela intolerância dos homens. Imagem de dor, imagem de morte. A fotografia traz para nossa proximidade um instante da vida que fazemos questão de esquecer, mas o faz de forma segura: não é conosco, não vai verdadeiramente nos ameaçar. No entanto, essas imagens nos inquietam.

A fotografia é um signo de dupla natureza: é um ícone indicial, um signo de recepção; remete ao representado, conservando traços deste. Os índices são símbolos culturais e por isso a imagem fotográfica não tem estatuto estável, mas é variável e múltipla. A imagem fotográfica é o resultado de uma distensão espacial, segue uma lógica do distanciamento ou da ruptura. Apesar do ícone fotográfico selecionar sua representação segundo critérios de universalidade antropológica, numa semelhança com a visão fisiológica, é preciso, para percebê-lo, conhecer sua natureza de ícone, sua base técnica. Daí, a fotografia não ser universal, ao contrário do que o senso comum indica.

Mais do que uma simples técnica de registro, a fotografia, como outras formas de representação artística do mundo, significa para além do exposto. Vilém Flusser, pensador tcheco, define o aparelho fotográfico como um brinquedo que traduz o pensamento conceitual em fotografia, de modo que a fotografia seria uma imagem tipo-folheto, produzida e distribuída por um aparelho. Já o fotógrafo é a pessoa que procura inserir na imagem informações imprevistas pelo aparelho fotográfico. A imagem é uma superfície significativa na qual as idéias se relacionam magicamente. Por isso, a imagem fala muito, mas chega a cassar a palavra.

Para nos relacionarmos com a imagem, é preciso o domínio do código das significações desse meio, mas é também necessária imaginação, que nos permite compor e também decifrar as imagens. As imagens são símbolos conotativos, não denotativos. Ou seja, mostram menos do que aquilo que escondem.

Imagem é a face visível do que simula a si mesmo. Fantasma, visão e duplo, o rastro de algo que existe, mas não ali. A sombra de um morto, aquele que já existiu e não é mais, quando jamais deixa de ser. Uma imagem está permanentemente em relação com outras imagens e em relação com a ausência a que se remete. No caso da imagem fotográfica, isso é bem claro: ao vê-la, se vê mais do que algo visível, se vê algo legível, assim como um diagrama, porque há o que ver *na imagem* e o que ver *por trás da imagem*. A imagem torna-se, então, pensamento. E olho faz parte da imagem, é a visibilidade dela. Nesse sentido, a fotografia é também uma produtora de realidade.

A imagem fotográfica é signo por não estar colada à coisa em si, por ser uma representação da imagem da coisa, e como signo pode ser o realizador da idéia. O pensamento surge, para o *sapiens*, como uma decorrência da imagem, como produto do mundo sensível, ao mesmo tempo em que produz esse mundo ao se efetivar como pensamento. Então, de forma simultânea, a perspectiva imagética é um acesso às particularidades do espírito e uma legenda das configurações sociais.

As artes, e a fotografia como uma delas, ao assumirem uma significação que supera a técnica, parecem ocupar uma lacuna que o real não consegue preencher, ou seja, reciclam o real. E se a fotografia cassa a palavra, o que dizer, então, das imagens das chagas expostas da nossa sociedade, de crianças mortas em bloco, de moradores de rua chacinados, das tragédias da guerra, como as mostra Sebastião Salgado, ou de pessoas que sobrevivem do lixo, como vistas por Numo Rama? Este fotógrafo recebeu

agora em setembro o Prêmio Porto Seguro de Fotografia 2004 – Categoria Brasil, pelo Projeto Humanus, com imagens do forno do lixo em Natal. E o que ele fotografou, faz pensar.

Os seres que chafurdam em silêncio no lixo, no entanto, se levantam como titãs. Suas imagens em preto sobre o branco, em alta definição, as faces escondidas, dizem muito por si sós. Falam de vozes que gritam em segundo plano, desorganizadoras das vozes legitimadas pela condição sócio-econômica de bem-estar, pelo acesso ao estatuto do direito. Falam delas e falam por elas. São mesmo vozes distantes? São vozes de outros? Ou falam também sobre nós, como nós?

Os nossos tempos são tempos assombrados, e um dos fantasmas mais assustadores porque cotidiano e potencialmente mortal é o mosquito da dengue. Filmes-catástrofes norte-americanos, que adoram tratar de epidemias, traduzem uma possibilidade que os próprios jornais diários do Brasil estampam: é possível construir muros contra a miséria, mas não há tela que limite o acesso dos mosquitos que podem matar. Isso porque eles fazem parte de um ecossistema profundamente alterado pelos animais humanos cujas partes não podem deixar de ser totalmente inter-relacionadas. Cada uma depende da outra e todas se afetam mutuamente.

Nós, humanos, não sobrevivemos fora desse ecossistema. O que acontece com um cedo ou tarde altera todos os outros. Portanto, opor uns e outros só faz sentido numa situação muito imediata. As imagens que falam da morte em nossa sociedade falam também da vida e alertam: não somos nós e eles. Não são aquelas vozes e estas vozes. Somos um todo, ainda que disforme, somos o mundo. Resta perguntar: que polifonia estamos todos e cada um compondo para este nosso mundo que somos nós?

**Para saber mais:**

AUMONT, Jacques. *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*; trad. Estela dos S. Abreu e Cláudio C. Santoro – 2ª ed. – Campinas/SP: Papirus, 1995.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia*; trad. Júlia C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, John. *Modos de ver*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2000.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Portugal: Europa-América, 1970.

SCHAFFER, Jean-Marie. *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. Trad. Eleonora Bottmann. Campinas, SP: Papirus, 1996.

SILVEIRA, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*; trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1981. (Col. sobre fotografia)